



**VI CONGRESO LATINOAMERICANO  
DE FILOSOFÍA DE LA EDUCACIÓN  
BOGOTÁ, JULIO 12 - 14 DE 2023**

**Hospitalidad y reencuentro: volvernos a ver para  
pensar el sentido de la educación y de la filosofía**

## **Impasses das pesquisas em filosofia da educação no encontro com uma filosofia do assubjetivo e do impessoal**

Cintya Regina Ribeiro

Faculdade de Educação – Universidade de São Paulo - USP

[cintyaribeiro@usp.br](mailto:cintyaribeiro@usp.br)

### *Resumen*

El estudio busca problematizar la centralidad de la forma *antropos*, argumentando que, a pesar de su estatus como marca de civilización, tal fundamento tiende a comprometer nuestras posibilidades actuales tanto de crítica como de reinención de nuestras condiciones de vida. Para ello, moviliza el pensamiento de los filósofos Friedrich Nietzsche, Gilles Deleuze y Félix Guattari con miras a actualizar el debate frente a la necesaria crítica de la prevalencia de la centralidad de la vida humana en la época contemporánea. Sostiene que ciertas filosofías de la educación han guiado esta discusión basada en las relaciones ético-políticas entre el sujeto y su otro, a través del abordaje de temas como la diversidad, la diferencia, la otredad, la equidad, etc. El estudio circunscribe los límites ético-políticos de cualesquiera filosofías basadas en la matriz del sujeto, situando sus impasses y señalando la posibilidad de experimentar la radicalidad de una filosofía de lo asubjetivo y de lo impersonal, así como las implicaciones de esta perspectiva para el área de filosofía de la educación.

*Palabras clave:* Gilles Deleuze, sujeto, asubjetivo, impersonal, existencia

### *Resumo*

O estudo busca problematizar a centralidade da forma *anthropos*, argumentando que, a despeito de sua condição de marca civilizatória, tal fundação tende a comprometer nossas possibilidades atuais tanto de crítica quanto de reinvenção de nossas condições do viver. Para tal, mobiliza o pensamento dos filósofos Friedrich Nietzsche, Gilles Deleuze e Félix Guattari tendo em vista



a atualização do debate frente à necessária crítica à prevalência da centralidade da vida humana na contemporaneidade. Discute que certas filosofias da educação têm pautado essa discussão a partir das relações ético-políticas entre o sujeito e seu outro, por meio da abordagem de temas como diversidade, diferença, alteridade, equidade etc. O trabalho circunscreve os limites ético-políticos de quaisquer filosofias fundadas na matriz do sujeito, situando seus impasses e apontando para a possibilidade de experimentar a radicalidade de uma filosofia do assubjetivo e do impessoal bem como as implicações dessa perspectiva para a área da filosofia da educação.

*Palavras-chave:* Gilles Deleuze, sujeito, assubjetivo, impessoal, existência

*Abstract*

The work aims to problematize the centrality of the anthropos form, arguing that, despite its status as a civilizational mark, such a foundation tends to compromise our current possibilities of both criticism and reinvention of our living conditions. To this end, it mobilizes the thinking of philosophers Friedrich Nietzsche, Gilles Deleuze and Félix Guattari with a view to updating the debate in the face of the necessary criticism of the prevalence of the centrality of human life in contemporary times. It argues that certain philosophies of education have guided this discussion based on the ethical-political relations between the subject and their other, through the approach of themes such as diversity, difference, otherness, equity, etc. The study circumscribes the ethical-political limits of any philosophies based on the matrix of the subject, situating their impasses and pointing to the possibility of experiencing the radicality of a philosophy of the assubjective and the impersonal as well as the implications of this perspective for the area of philosophy of education.

*Keywords:* Gilles Deleuze, subject, asubjective, impersonal, existence.



# VI CONGRESO LATINOAMERICANO DE FILOSOFÍA DE LA EDUCACIÓN BOGOTÁ, JULIO 12 - 14 DE 2023

**Hospitalidad y reencuentro: volvernos a ver para pensar el sentido de la educación y de la filosofía**

O caráter pervasivo dos pressupostos fundamentalistas conservadores que têm produzido e ocupado os modos de habitar o presente no planeta instauram, entre outras urgências, uma convocação ética e política ao campo da educação, independentemente das singularidades de suas várias vertentes culturais.

O território da filosofia da educação, em especial, enfrenta tais desafios da atualidade sustentando dupla e simultaneamente uma atitude de crítica e, em razão disso, de apostas, frente a um mundo que exerce, com a mesma tenacidade, uma vontade de viver e de morrer – haja vista os desafios planetários que enfrentamos, em todos os âmbitos dos entes que habitam nosso espaço-tempo, seja de ordem comunitária local, seja de ordem societária global.

É no fogo cruzado desses movimentos atuais que a presente proposta de trabalho se inscreve. É certo que dispor a discussão sobre fundamentalismos do pensamento em termos da clássica polarização entre extremismos políticos de direita e esquerda tende a simplificar em demasia a questão.

No intuito de escapar dessa simplificação e reposicionar a problemática, lançamos mão de uma provocação do filósofo francês Gilles Deleuze acerca do tema, em sua entrevista à Claire Parnet, no *Abecedário*: “é uma questão de percepção (...) não ser de esquerda é como um endereço postal. Parte-se primeiro de si próprio, depois vem a rua em que se está (...) e, assim cada vez mais longe. (...). E ser de esquerda é o contrário. Primeiro, eles percebem o contorno. Começam pelo mundo (...). Primeiro, percebe-se o horizonte” (DELEUZE, 2001a, p.30).

A formulação deleuziana esvazia quaisquer marcadores fundamentalistas para lidar com a discussão e reposiciona o debate a partir de uma necessária dimensão perceptiva que antes, volta-se à dinâmica relacional, invocando a movência e o perspectivismo dos valores que produzem e organizam as formas de existência planetárias.

De forma mais hegemônica, a filosofia da educação tem tematizado essa discussão a partir da centralidade da vida humana, por meio da articulação entre sujeitos e mundos investindo em preceitos de diversidade, alteridade, comunidade, igualdade, equidade, liberdade entre outros. Em razão disso, a filosofia da educação tende a ancorar as possibilidades civilizatórias na chave das relações ético-políticas entre o sujeito e seu outro.



# VI CONGRESO LATINOAMERICANO DE FILOSOFÍA DE LA EDUCACIÓN BOGOTÁ, JULIO 12 - 14 DE 2023

Hospitalidad y reencuentro: volvernos a ver para pensar el sentido de la educación y de la filosofía

Entretanto, é precisamente essa centralidade da forma *anthropos*, ainda que sob a égide da virtude civilizatória, aquilo mesmo que tende a colocar em xeque nossas possibilidades atuais tanto de problematização quanto de invenção de nossas condições do viver.

Os limites de um pensamento do *anthropos* vêm desencadeando, de maneira avassaladora, a insustentabilidade dos argumentos que fazem dos sujeitos e, especificamente, dos sujeitos da educação, os pilares fundacionais do viver. Tais bases valorativas, por sua vez, historicamente foram se naturalizando e, como por um efeito mágico, modularam e vêm modulando nossos modos de pensar e sentir como se fossem autoexplicativos e autossustentáveis, desencadeando um mecanismo tautológico de retroalimentação exponencial da figura do *anthropos*, sem o necessário ato contínuo de avaliação das consequências aí em curso.

Friedrich Nietzsche (1998, 2008), por exemplo, emerge como um dos mais agudos pensadores que problematizam o viver, exatamente nessa direção, colocando sob o escrutínio de uma crítica radical essa vontade de verdade engendrada pela força imperativa dos antropomorfismos. Tratando o homem com um “formidável gênio da construção” bem como o intelecto humano como um “mestre da dissimulação”, o pensador alemão nos atija:

[...] em suma, apenas por que o homem se esquece enquanto sujeito e, com efeito, enquanto sujeito *artisticamente criador*, ele vive com certa tranquilidade, com alguma segurança e consequência; se pudesse sair apenas por um instante das redomas aprisionadoras dessa crença, então, sua “autoconsciência” desapareceria de imediato. (NIETZSCHE, 2008, p, 41, grifos do autor)

Na tensão assim conflagrada, uma filosofia da educação centrada no homem, no sujeito da educação, vê-se forçada à sua própria autocrítica, na medida em que as contingências da história a constringem a um lugar de suspensão, trazendo à arena outras forças que irrompem como ato de insurgência no presente.

Retomando o alerta deleuziano acima enunciado, é preciso enfatizar que para além da salvaguarda restrita ao sujeito e seu outro, há, antes, a radical e impreterível necessidade de imersão perceptiva na zona indiscernível do horizonte, esse lugar que faz esvanecer os homens e seus mundos, em detrimento de algo que os ultrapassa – a própria existência em suas impensáveis formas, em suas insondáveis modulações.



# VI CONGRESO LATINOAMERICANO DE FILOSOFÍA DE LA EDUCACIÓN BOGOTÁ, JULIO 12 - 14 DE 2023

Hospitalidad y reencuentro: volvernos a ver para  
pensar el sentido de la educación y de la filosofía

É a partir da deflagração desse impasse no interior de uma persistente filosofia da educação centrada no sujeito que convocamos Deleuze (1997, 2000, 2001b, 2016), tendo em vista estabelecer algumas alianças com esse pensador, no sentido de abrir outras passagens de pensamento. Apostamos que tais incursões possam fomentar uma filosofia da educação para além da forma sujeito, de tal modo que tal filosofia possa, talvez, por meio de uma inquietante operação paradoxal, fazer das miragens moventes do horizonte sua nova bússola, ou melhor, seu novo dispositivo cartográfico.

Para tal empreendimento propomos o seguinte percurso de discussão: em um primeiro movimento, buscamos circunscrever as linhas de forças atuais que, em sua condição irreversivelmente fática, vêm interpelando e esgarçando os modos de viver e colocando *sub judice* o pressuposto contemporâneo de valoração do homem como medida civilizatória de todas as coisas. Em um segundo movimento, buscamos, em conversação com o pensamento de Gilles Deleuze (1997, 2000, 2001b, 2016), explorar os limites ético-políticos de uma filosofia do sujeito, de modo que possamos experimentar a radicalidade de uma filosofia do assubjetivo e do impessoal bem como suas implicações para uma filosofia da educação.

## 1. Desafios da agenda contemporânea

Eleger a suposta perspectiva das perspectivas, instaurar a suposta grade de valoração de valores e estabelecer o suposto sentido verdadeiro dos movimentos da existência parecem se constituir como tarefas incansáveis por parte de certas culturas prevalecentes na ordem discursiva planetária, as quais visam instituir uma agenda soberana como uma espécie de guia civilizatório messiânico.

Sabemos que a atitude crítica frente a esse esforço de naturalização e homogeneização de valores não é uma prerrogativa da atualidade, uma vez que a própria modernidade ocidental, em sua irrupção e seu fluxo histórico, produziu críticos contundentes, provenientes de várias culturas. Entretanto, a despeito de toda virulência crítica acumulada, é certo também que esse mantra antropocêntrico persiste em suas variações e seus disfarces, na maquinaria cotidiana e silenciosa de nossa contemporaneidade.



# VI CONGRESO LATINOAMERICANO DE FILOSOFÍA DE LA EDUCACIÓN BOGOTÁ, JULIO 12 - 14 DE 2023

Hospitalidad y reencuentro: volvernos a ver para pensar el sentido de la educación y de la filosofía

Assim, o imperativo dos antropomorfismos metamorfoseia-se em nossa atualidade e se expressa por meio de ideias como subjetivação, subjetividade, sujeito, identidade, consciência, autoconsciência, *self*, si mesmo, eu, indivíduo, vida privada entre outras imagens afins.

Uma filosofia do ser e do humano segue firme, portanto, a despeito da fortuna crítica de suas problematizações, fortuna esta que, se considerada apenas a partir do veio ocidental nietzschiano, datado de 1900, já remonta há, pelo menos, cento e vinte anos.

Não por acaso a consistência e a persistência dessa força-*anthropos* são aspectos que também se fazem insistir no domínio da educação e, mais especificamente, de uma filosofia da educação contemporânea. Portanto, o desafio filosófico de problematização dessa força se apresenta com as mesmas dificuldades e urgências, seja no campo mais dilatado das práticas da vida política, seja no domínio mais circunscrito das práticas educacionais.

Deflagra-se, então, uma espécie de fratura irreversível: vemos uma exacerbação efetiva de modos de existir produzidos a partir da valoração do rol das imagens ontológicas acima enunciadas; ao mesmo tempo, tais modos de viver parecem produzir, efetivamente, um mundo crescente de ruínas, como se os antigos sonhos metafísicos sonhados por *anthropos* insurgissem agora como pesadelos.

Colocar sob o crivo problematizador ideias tão consolidadas quanto funcionais –tais como subjetivação, subjetividade, sujeito, identidade, consciência, autoconsciência, *self*, si mesmo, eu, indivíduo, vida privada etc. – exige mais do que um gesto epistemológico de retórica filosófica. Implica, diferentemente, dispor o próprio modo-mundo sob risco de nocaute, sem que tenhamos a prévia segurança ou cálculo de outro modo de existir para ocupar a vacuidade daquele lugar, já inabitável.

Cumpre-nos admitir, como herdeiros de mundos díspares nesse tempo presente mas também, como pesquisadores/as em filosofia da educação, que a agenda da modernidade, ainda pulsando em nossos dias, tem sido atravessada irremediavelmente por outra, nada programática, mas intempestiva.

É a afirmação da disparidade de modos de pensamento e de sensibilidade aquilo que se coloca como pauta obrigatória desses tempos atuais. Esgotamentos e colapsos de certas maneiras de proceder têm ocupado discussões políticas locais e globais: a deflagração das emergências climáticas, o fluxo contínuo de migrações de povos, as intolerâncias culturais, as perseguições identitárias, os diagnósticos exponenciais envolvendo saúde mental e física são



alguns dos inúmeros tópicos alarmantes cotidianos que têm ocupado esse primeiro quartil de século XXI.

Tais temas se imiscuem e capturam o campo educacional, convocando-o, inclusive, a oferecer respostas frente à emergência e complexidade dessas novas condições de existência. Em particular, as pesquisas em filosofia da educação são chamadas a pensar, precisamente, o seguinte – qual o lugar da filosofia da educação, como um domínio historicamente consolidado de pensamento crítico, frente às novas problemáticas e demandas que se impõem à educação atual? Quais implicações se materializam quando uma filosofia da educação mais prevaente, voltada à centralidade do sujeito e, necessariamente, de sua formação, opera em um mundo que já não mais pactua das mesmas apostas formativas universais?

É a partir do epicentro desse impasse que a presente proposta busca mover-se, convocando, para tal, a companhia de Deleuze.

## *2. Aberturas de outras vias: o assubjetivo e o impessoal*

No ensaio *Resposta a uma questão sobre o sujeito*, Deleuze (2016) defende que “nunca é muito interessante criticar um conceito: mas vale construir as novas funções e descobrir os novos campos que o tornam inútil ou inadequado. O conceito de sujeito não escapa a essas regras (DELEUZE, 2016, p. 370).

O alerta nos é crucial. Aqui, a sutileza metodológica exige colocar o próprio conceito de sujeito em suspensão, tendo em vista, antes, apreender quais condições o tornaram uma necessidade, ou seja, fizeram do conceito de sujeito o elemento fulcral capaz de cumprir determinada função estratégica.

Tal procedimento impede quaisquer essencialismos conceituais, isto é, um conceito – ou em nosso caso, o conceito de sujeito – jamais pode ser tomado como expressão de uma entidade. Um conceito emerge como um recurso operativo no interior de uma dada cena problemática; e nada mais. E Deleuze, acrescenta:

[...] não basta opor conceitos uns aos outros para saber qual é o melhor, é preciso confrontar os campos de problemas aos quais eles respondem, para descobrir sob quais forças os próprios problemas se transformam e exigem, eles mesmos, a constituição de novos conceitos. (DELEUZE, 2016, p. 372)



Essa torção deleuziana nos é salutar, pois permite, de largada, escaparmos dos dualismos – subjetivo *versus* assubjetivo, pessoal *versus* impessoal etc. Transladar de uma filosofia do sujeito para o domínio do assubjetivo e do impessoal, tal como aqui o propomos, exige, antes, uma torção na própria maneira de instaurar a cena problemática.

Assim, a dimensão do sujeito e suas derivações – subjetividade, pessoalidade, *self*, identidade etc. – não são categorias de recusa, a serem substituídas pelo seu avesso. Expressam, antes de tudo, os modos como certo grupo social problematiza sua existência bem como os modos como tal grupo inventa seus dispositivos de pensamento e de sensibilidade para tal enfrentamento.

O trato do assubjetivo e do impessoal implica, portanto, refazer as perguntas, criar novas, abrindo passagens a outros modos de configurar aquilo mesmo que até então temos qualificado como problemas, ou como cena problemática.

A discussão deleuziana acerca do impessoal advém de seu envolvimento com certas criações literárias (DELEUZE, 1997, 2000, 2016; DELEUZE; PARNET, 1998; DELEUZE; GUATTARI, 2003). Deslocando-se da soberania do sujeito da reconhecimento, expediente que legitima o poder da primeira pessoa do singular e suas variações pronominais Deleuze (2000, p.143) lançando mão de uma instigante formulação do poeta norte-americano Lawrence Ferlinghetti, faz ecoar a voz daquilo que tal escritor nomeia como “uma quarta pessoa do singular – suspendendo-se toda significação, designação, manifestação”.

Deslocar-se do imperativo da subjetividade, em favor de uma invocação à uma espécie de quarta pessoal do singular, isto é, ao impessoal, expressa o esforço deleuziano de habitar as zonas intervalares, indiscerníveis, explorando novas passagens que se abrem “entre” categorias já tão conhecidas tais como universal e individual, geral e particular etc. Isso exige abdicar de uma filosofia dos seres, das estruturas, em favor de uma filosofia dos movimentos, das relações, das conectividades imanentes, das forças, em suma, dos acasos, das indeterminações.

Assim, a incursão pelo assubjetivo e impessoal expressa um modo outro de problematizar aquilo mesmo que tomamos como nossas condições de existência, expondo a necessidade de formular problemas de outras maneiras, considerando os esgotamentos de nossos recursos atuais. Trata-se de um esforço extremo de ultrapassar a prerrogativa do ser em





# VI CONGRESO LATINOAMERICANO DE FILOSOFÍA DE LA EDUCACIÓN BOGOTÁ, JULIO 12 - 14 DE 2023

**Hospitalidad y reencuentro: volvernos a ver para  
pensar el sentido de la educación y de la filosofía**

favor das forças de contingência e de necessidade que fazem da existência um plano movente, imanente, sempre em vias de novas modulações.

Na companhia desses modos de pensamento, é como se partilhássemos de uma luta infinita, uma necessidade diuturna de manter aceso o fogo da indeterminação, não nos permitindo sucumbir a quaisquer acomodações que possam vir a interromper os movimentos, a nos sequestrar no interior das malhas existenciais das estruturas e dos sistemas.

Implodindo, assim, as fronteiras identitárias que nomeiam as diversas filosofias em razão suas marcas geográficas, defendemos a construção de uma ambiência de pensamento filosófico que possa miscigenar as forças dos pensadores europeus acima enunciados, fomentando os contágios com nossos modos filosóficos latinoamericanos de pensar, sentir, existir, enfim.

A partir das condições de imanência de nossos modos de existir no contexto da vida latinoamericana, das formas específicas como aí nos implicamos bem como do atravessamento de forças filosóficas de outras paragens, podemos instaurar novos arranjos teórico-conceituais, tendo em vista forjar outras maneiras de formular nossos próprios problemas no âmbito educacional.

Redimensionar a discussão filosófica nesses termos permite-nos voltarmos ao campo da filosofia da educação em uma perspectiva mais exploratória, afastando-nos dos modelos paradigmáticos. Isso significa afirmar um campo de pesquisas em filosofia da educação que, assumindo os impasses de nossa contemporaneidade em relação aos limites de uma filosofia do ser, possa arriscar-se a outras frentes de investigação comprometidas com as políticas das forças, com a evanescência dos seres e, portanto, com a interpelação ética que se faz a cada momento no qual uma outra forma de existência se instaura.

Pensar uma filosofia da educação a partir do assubjetivo e do impessoal se anuncia, portanto, como uma tarefa ética e política que faz da existência mesma um valor tão movente quanto estratégico, no contexto educacional contemporâneo.



**VI CONGRESO LATINOAMERICANO  
DE FILOSOFÍA DE LA EDUCACIÓN  
BOGOTÁ, JULIO 12 - 14 DE 2023**  
**Hospitalidad y reencuentro: volvernos a ver para  
pensar el sentido de la educación y de la filosofía**

*Bibliografía*

Nietzsche, F. 2008. *Sobre verdad e mentira*, São Paulo: Hedra.

Nietzsche, F. 1998. *Genealogía da moral: uma polêmica*, São Paulo: Companhia das Letras.

Deleuze, G. 2016. *Dois regimes de loucos: textos e entrevistas (1975-1995)*, São Paulo: Editora 34.

Deleuze, G. 2001a. *Abecedário de Gilles Deleuze*. Vídeo. Editado no Brasil pelo Ministério da Educação, “TV Escola”.

Deleuze, G. 2000. *Lógica do sentido*, São Paulo: Editora Perspectiva.

Deleuze, G. 2001b. *Nietzsche e a filosofia*, Porto: Rés-editora.

Deleuze, G. 1997. *Crítica e clínica*, São Paulo: Editora 34.

Deleuze, G., Guattari, F. 2003. *Kafka: para uma literatura menor*, Lisboa: Assírio Alvim.

Deleuze, G., Parnet, C. 1998. *Diálogos*, São Paulo: Editora Escuta.

Dosse, F. 2010. *Gilles Deleuze & Félix Guattari: biografia cruzada*, Porto Alegre: Artmed.